

**Do sertão
nordestino
para a sala de
aula: histórias
de animais
contadas pelo
cordel**

• Revista  **mosaico**

**Renata Junqueira de
Souza¹**

<https://orcid.org/0000-0003-2227-2544>

Naelza de Araújo

Wanderley²

<https://orcid.org/0000-0002-3622-7317>

**From the
northeastern
hinterland to the
classroom:
stories of
animals told by
cordel**

Resumo

Trabalhar com a literatura de cordel é compreender sobre o passado e o presente daqueles que tiveram a infância embalada pelo recitar e pelo ouvir de versos que ainda ecoam na memória. Assim, ao abordar como temática cordéis e sextilhas que contam sobre os animais, enquanto poesia também escrita para o leitor criança e que possibilita o diálogo entre a literatura infantil, a literatura popular e o prazer do texto estético, este artigo tem como objetivo abordar o cordel, definindo sextilhas e perpassando por atividades que motivam leitores a abrirem um folheto e a compreenderem como nossa identidade se mostra cada vez mais atrelada a outros saberes que se contemplam e dialogam entre si, levando o texto poético à escola como forma de conhecer os diversos "brasis" estampados nessa literatura.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Leitura; Sextilhas; Práticas em sala de aula; Estratégias de leitura.

Abstract

For us working with cordel literature is understanding the past and present of those whose childhood was rocked by reciting and listening to verses that still echo in their memory. Thus, by approaching cordéis and sextillas that tell about animals as a theme, while poetry also written for the child reader that enables the dialogue between children's literature, popular literature and the pleasure of the aesthetic text, this article aims to address the cordel, defining sextillas and passing through activities that motivate readers to open a flyer and understand how our identity is shown to be increasingly linked to other knowledge that contemplate and dialogue with each other, taking the poetic text to school as a way of knowing the different "brasis" stamped in this literature.

Keywords: Cordel's literature; Reading; Sextiles; Classroom practices; Strategies of reading.

Introdução

Trabalhar com novas possibilidades de leitura, especificamente da literatura de cordel, é compreender um pouco mais sobre o passado e sobre o presente de todos aqueles que tiveram a sua infância embalada pelo recitar de versos que ecoam na memória de cada um, mas de forma coletiva, ou seja, mesmo partindo de diferentes folhetos / textos / histórias / ouvintes, desenvolvia-se uma prática única nas cidades e nas fazendas, principalmente no nordeste brasileiro.

Essa atividade era comum quando ouvíamos encantados as histórias versegadas recitadas pelos mais velhos, que as “sabiam de cor”. Sim, eles as carregavam na mente, como uma espécie de “biblioteca viva”, e também como um saber que já estava guardado em seus corações e que era distribuído, sem nenhum esforço da memória, para crianças e adultos atentos, nos finais de tarde, nas calçadas do sertão.

Assim, como uma espécie de “griot” sertanejo, essa figura era comum nas pequenas cidades e nas fazendas do nordeste, sendo parte do cenário e das tradições do lugar. Ela poderia ser um parente mais velho ou até mesmo alguém da comunidade, já conhecido de todos por essa atividade. Era alguém sempre aguardado e muito bem recebido por seus ouvintes, na maior parte, crianças, ávidas por suas histórias cheias de seres e de acontecimentos mágicos.

O cordel também era usado, muitas vezes, por professores itinerantes, uma espécie de sofistas do sertão, contratados para alfabetizar, em casa, os filhos de fazendeiros da região. Mais que uma lição a ser aprendida, era uma espécie de lazer ouvir do mestre as histórias, ao mesmo tempo em que elas, transcritas em folhetos envelhecidos e desgastados pelo tempo e pelo manuseio de muitos, eram a porta que descortinava para crianças o mundo mágico da leitura e da escrita.

Não por acaso, as histórias de reis, de heróis, de homens valentes, de mulheres honradas, de animais que falavam e agiam como humanos ficavam na memória daqueles que foram alfabetizados por essa literatura, de forma que eram reconhecidas e, saudosamente, mencionadas muito tempo depois, quando reencontradas ao longo da vida. Relatos como: “aprendi a ler e a escrever com esses versos” ainda são comuns entre os mais velhos no sertão nordestino, revelando a força e a magia dessa literatura para o sertanejo, não somente como

parte de uma tradição que permitia ao leitor aprender.

O encantamento proporcionado pelas narrativas poéticas envolvia o público de tal forma que era comum a participação do povo na elaboração dessas histórias, exercendo, assim, um processo ímpar de recepção do texto literário, uma vez que, se o final de uma história não agradasse ao público no ato da recitação, era bem possível que, na próxima "leva" impressa do folheto, ele já apresentasse uma versão mais próxima daquela esperada pelo público.

É dessa forma que a literatura de cordel se apresenta aos leitores enquanto produção artística que emerge da oralidade, sendo escrita em uma linguagem próxima daquela utilizada pelo povo, de forma que permite aos seus leitores uma identificação com enredos e estrutura poética, atravessando décadas, unindo tradição e modernidade, adaptando-se a novos contextos e mantendo-se viva na conquista de novos leitores e de novos espaços.

Histórias do cordel: tradição e contemporaneidade

No Nordeste brasileiro, as narrativas de cordel surgem vinculadas à tradição oral de cantar e de contar, e é nesse espaço que, aparentemente, iniciam uma definição de estilo, antes mesmo da possibilidade de impressão (ABREU, 2006). Essa literatura, ao longo de sua história, passou por adaptações para se adequar a novos contextos e ambientes e, na Região Nordeste, desenvolveu-se assumindo características bastante peculiares. Com uma temática diversificada, ela passou a refletir basicamente a realidade social em que floresceu.

O cordel foi, inicialmente, escrito e distribuído em folhetos impressos em grandes centros urbanos, sendo distribuídos de muitas formas, para que chegassem também aos leitores do interior do sertão. Ao considerarmos a materialidade impressa dessa literatura, observamos que é nesse cenário que se torna possível a sua produção e a sua circulação. Se os primeiros folhetos, no início do século passado, foram impressos em papel barato, essa literatura chega ao século XXI acompanhando o mercado editorial em novos suportes e adaptando-se a novos leitores, mantendo viva uma tradição poética e, ao mesmo tempo, assumindo e reafirmando uma poética específica que continua denotando um processo de mediação entre a oralidade e a escrita. Assim, a literatura de cordel continua a sua

história apresentando, entre as suas características, não somente seu estilo peculiar, mas também a permanência do vínculo com uma tradição oral longínqua que a antecede, incluindo a adequação a novos contextos, a novos suportes editoriais e aos novos leitores propostos pela contemporaneidade.

É dessa forma que, em seu processo criativo, ao longo dos anos, o poeta popular continua encontrando, nos contos populares, nas fábulas e em muitas outras histórias, o apelo universal à fantasia e ao encanto junto aos leitores como base para a sua (re)criação/ reconto / adaptação poética, como forma de manter viva a tradição de contar histórias para o povo em versos, de maneira que estas sigam seu caminho junto aos futuros leitores e ouvintes, que sempre serão renovados através da fala e da escrita do povo.

Dessa forma, a literatura de cordel chega ao século XXI contando e recontando velhas e novas histórias, proporcionando a permanência destas entre nós enquanto leitores. O cordel contemporâneo não somente assume uma produção direcionada para novos públicos, como, por exemplo, as crianças, mas também recorre a novos suportes, como o livro impresso, ricamente ilustrado, e o livro digital, entre outros. De acordo com Lima (2021, p. 322),

Com o avanço das tecnologias e a exigência do mercado editorial, os autores de folhetos [...] aderiram à sofisticação sob a orientação das editoras para que fossem adotados pelas escolas sem o prejuízo de terem duração efêmera, ou ainda pela beleza das ilustrações, bem mais atrativas para o público infantil, por exemplo, ou também porque o folheto não se acomoda de forma visível na biblioteca como acontece com os livros no formato padrão.

Ainda assim, alguns poetas mantêm viva a tradição de impressão dos textos em folhetos com páginas em papel jornal, chegando, muitas vezes, a editar o mesmo texto em um livro capa dura e, ainda, em folhetos que retomam o modelo utilizado no início do século passado. É dessa forma que essas histórias, contadas e cantadas em versos pelos poetas populares, atravessaram gerações.

Quanto ao seu público leitor, embora não tenha sido escrita com a intenção explícita de ser lida por crianças, uma vez que, em suas origens, não há registro de uma literatura de cordel direcionada para esse público, hoje, em seu processo de resistência, ela se renova e passa também a fazer parte do acervo de obras que encantam as crianças enquanto leitores em formação. Sobre o quanto é recente a escrita de folhetos direcionados para o leitor infantil, Alves (2018, p. 52) afirma que,

“Nos últimos 20 anos, tem surgido um número significativo de folhetos direcionados para o leitor mirim. E o viés mais escolhido por poetas e poetisas é a retomada de narrativas tradicionais, como contos de fadas e algumas fábulas.”

Assim, sob as perspectivas da diversidade temática dessa literatura e de sua capacidade de se amoldar ao contexto de veiculação e ao seu público leitor, dirigimos aqui o nosso olhar para um dos ciclos do cordel que apresenta, nas narrativas poéticas, histórias de animais. Uma temática que conta sobre os vários significados evocados pela presença dos animais em nossa vida e que dá sequência a uma tradição que revela o “fascínio” que esse tema exerce sobre nós através dos séculos e que já é possível de ser observada em vários registros históricos, religiosos e literários da humanidade. De acordo com Bradesco-Goudemand (1982, p. 5),

A literatura está cheia de histórias sobre animais; muitos escritores dedicaram-se a esses companheiros próximos ou distantes, cujos costumes eles pintaram, costumes muitas vezes profundamente assimilados aos dos seres humanos, fazendo-os participar estreitamente de nossa vida, como verdadeiros protagonistas, intérpretes e caricaturas de nossos pensamentos, de nossos sentimentos, de nossas reações; animais que falam e agem como homens ou, então, que os julgam e criticam.

Ainda sobre o ciclo temático das “Estórias de animais”, Diégues Júnior¹ vai classificá-lo como parte dos temas tradicionais, cujas narrativas reproduzem a memória popular e o que foi conservado pela história “desde gerações muito anteriores”. Esse autor ainda afirma que

Desde tempos remotos sempre encontramos o homem prestigiando o animal, ou melhor certos animais, não raro mais que outros homens: aqueles que se tornaram seus colaboradores na tarefa de ocupar a terra e desenvolver a criação. O caso do boi, do cavalo, do cachorro. Outros também mereceram ser prestigiados pelo homem que neles viu certos dons: a astúcia da raposa, a fidelidade doméstica do gato, a parlapatice do papagaio, são exemplos. (DIÉGUES JÚNIOR, 2012, p. 81).

É justamente a partir da temática dos bichos e do papel assumido pela

¹ Cabe esclarecer aqui que, mesmo direcionando o nosso enfoque para o cordel contemporâneo, a classificação temática das “Estórias de animais”, elaborada por Diégues Júnior, em meados do século passado, ainda se faz pertinente do ponto de vista teórico, uma vez que as velhas narrativas que contam sobre os animais e suas façanhas ainda são constantemente retomadas por poetas populares do século XXI, como parte significativa da atual literatura de cordel direcionada para o público infantil.

poesia escrita para o público infantil que direcionamos o nosso olhar para o entrelaçamento entre a literatura infantil e a literatura popular. Observemos como esse vínculo se apresenta nas narrativas do cordel desde as suas origens e se torna contínuo na produção de cordelistas quando estes direcionam a sua escrita para as histórias fantásticas, que contam sobre os animais e suas astúcias, como personagens recolhidas nas histórias do “tempo em que os bichos falavam”, registradas e recontadas através dos séculos. Assim sendo, acreditamos que a associação entre literatura popular e literatura infantil pode ser entendida como uma abordagem profícua nos estudos que se voltam para as origens e a continuidade desta literatura no Brasil, hoje reconhecida como uma literatura também escrita para crianças.

O cordel para crianças e o encanto do “tempo em que os bichos falavam...”

Quando falamos em literatura de cordel, dificilmente correlacionamos essa produção em versos ao universo da literatura infantil, isto porque, como já dito, em seu início, assim como as fábulas, por exemplo, ela não foi escrita tendo como público-alvo o leitor criança. Essa literatura tem como propósito/enredo, entre outros, a recontação, através da poesia popular, de contos já recolhidos da tradição oral e destinados a um público amplo. Assim, é através da literatura de cordel que essa produção é ofertada novamente ao povo, tendo como veículo uma expressão literária de caráter fortemente oral, uma vez que ela tem como finalidade a leitura em voz alta, a proferição e, geralmente, é realizada de forma coletiva. São narrativas memorizadas pelo povo nos rincões do Nordeste e novamente circulam na forma de contações e de recitais do povo e para o povo.

Sendo narrativas poéticas, elaboradas em versos, em cuja estrutura, intencionalmente, já se propunha a facilitação da memorização, eram ouvidas tantas vezes que ficavam na memória daqueles que as escutavam atentamente, e estes as repassavam através de histórias (re)contadas para quem não teve a oportunidade de ouvir mais de perto os versos do poeta sendo recitados livremente nas feiras ou em outro espaço coletivo. Assim é que as histórias que vieram da voz do povo e que passaram pelo crivo dos registros escritos retornam ao povo e à sua voz, que as conta e reconta na mesma ou em versões alteradas, conforme a memória ou

estabelecendo uma interferência com o ouvinte.

É nessa via que dirigimos o nosso olhar para a literatura de cordel nordestina, especialmente sobre aquela que, ou em um folheto simples, impresso em papel barato, ou em livros de capa dura, muitas vezes, ricamente ilustrados, conta-nos sobre animais de uma forma em que estes sempre são destacados em um papel determinante, de uma maneira em que as ações descritas nas narrativas assumem diversas funções, mas nenhuma se apresenta de modo tão cativante quanto o encanto despertado pelas histórias que se iniciam com um chamado mágico, que convida o leitor/ouvinte para um tempo cheio de fantasia, o *illo tempore*, no qual os animais falavam e agiam como os homens. Alguns folhetos já destacavam essa chave em sua capa como forma de atrair o leitor (Figuras 1 e 2):

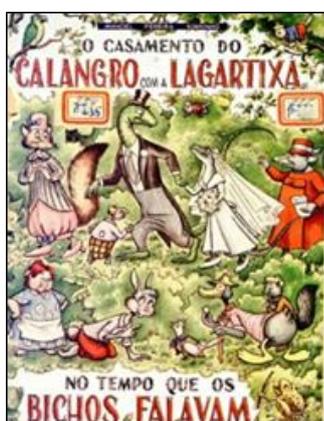


Figura 1 – Capa de folheto Borges.
Fonte: Borges, 1983.

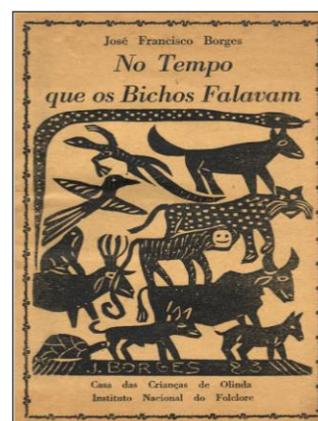


Figura 2 – Capa de folheto Sobrinho.
Fonte: Editora Prelúdio, 1959.

Observemos como as capas dos folhetos são apresentadas, como signos relevantes para a estrutura visual do cordel, uma vez que o poeta popular também teve a preocupação de transformar esse paratexto como parte integrante da sua história e notamos, também, que várias foram as formas encontradas pelo poeta popular para chamar a atenção de seus leitores. De acordo com Linden (2018, p. 56), as ilustrações na capa de uma publicação não são frutos do acaso, mas trazem informações importantes sobre o enredo. Assim, essa parte do folheto “constitui antes de mais nada um dos espaços determinantes em que se estabelece o pacto da leitura. Ela transmite informações que permitem apreender o tipo de discurso, o estilo de ilustração, o gênero”.

Desse modo, destacamos, nas capas acima, diferentes estilos, pois cada uma já anuncia personagens e cenários. O primeiro folheto, *No tempo que os bichos falavam*, de José Francisco Borges, foge da estrutura padrão em termos de medidas

e na proposta de apresentação das estrofes no interior do texto, mas, seguindo a tradição, recorre à xilogravura, ilustração comum a esse gênero, para informar ao leitor sobre as personagens mencionadas nas sextilhas do interior do folheto. Nos folhetos *O casamento do calangro com a lagartixa* e *No tempo que os bichos falavam* (título homônimo ao folheto de J. Borges, citado anteriormente), ambos escritos por Manoel Pereira, apresenta-se uma ilustração colorida e rica em detalhes, uma proposta da Editora Prelúdio para a impressão de folhetos mais atrativos, de forma que, ao fazer a leitura das ilustrações, antes de se debruçar sobre o texto, o leitor passa a ter uma ideia sobre o conteúdo da narrativa em versos, confirmada apenas quando completa o processo de leitura ou de escuta. Assim, compreendemos que as imagens apresentadas nas capas dos folhetos referenciam, através do desenho popular, elementos culturais que fazem parte do enredo e do contexto da região Nordeste e que também podem ser vistos como mais um convite, mais uma porta que se abre diante da curiosidade do leitor/ouvinte. São animais bastante peculiares com chifres pontiagudos e chamativos (BORGES, 1983), ou bichos vestidos como seres humanos em atitudes antropomorfizadas (SOBRINHO, 1959).

Como parte da produção de folhetos cujo tema são os animais e suas astúcias, afirmamos a existência de incontáveis folhetos que foram escritos ao longo dos anos e em diferentes épocas, como *Festa da bicharada* (1950), de Arlindo Pinto de Souza; *A intriga do cachorro com o gato* (1979), de José Pacheco; *Cordel dos passarinhos* (2006), de Sebastião Chicute; *Saci e o bicho folharaz no reino da bicharada* (2011), de Franklin Machado, *Eleição no reino da bicharada* (2014), de Hadoock Ezequiel, entre muitos outros.

Seguindo essa tradição temática da literatura de cordel, encontraremos, como parte do processo adaptação desse gênero ao contexto atual, a publicação das histórias de bichos em novos suportes, como o livro capa dura e o livro brochura, que, entre outras propostas, reescrevem, em versos, textos da chamada literatura erudita; recontam contos sacralizados pela tradição do povo ou recolocam em cena, através de antologias, estrofes conhecidas de muitos poetas que também versaram sobre os animais, em obras como *O coelho e o jabuti*; *O bicho folharal*, ambas de Arievaldo Viana, e a antologia *Pássaros e bichos na voz de poetas populares*, organizada por Hélder Pinheiro e pelo xilogravurista Marcelo Soares:

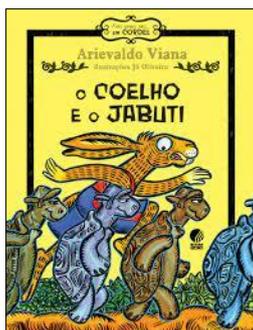


Figura 3 – Capa de Livro 1.
Fonte: Viana, 2011.

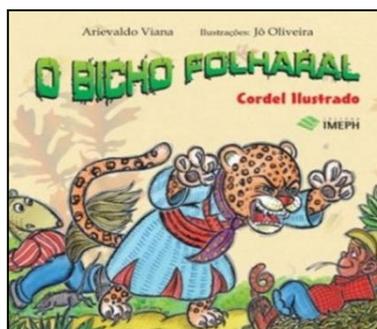


Figura 4 – Capa de Livro 2.
Fonte: Viana, 2008.

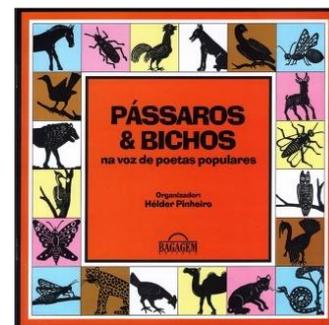


Figura 5 – Capa de Livro 3.
Fonte: Pinheiro e Soares, 2004.

Cabe observar o contínuo o processo de conquista do leitor através de recursos como o suporte escolhido para a impressão dos versos, a ilustração, a seleção das cores, a temática e a indicação dos textos a serem adaptados / reescritos pelo poeta popular.

Sobre o processo de transformação/adaptação da literatura de cordel, há quem afirme que ela teria perdido parte de sua identidade ao “migrar” para os novos suportes, entretanto acreditamos que, se considerarmos a essência poética como força matricial dessa literatura, veremos que ela permanece viva junto aos seus leitores e que se mantém em evidência independente do suporte em que está impressa. São diferentes os suportes, os leitores, os contextos, mas o encanto que rodeia essa literatura independe das transformações que sofreu e sofre para permanecer como uma produção vasta, quer em folhetos, quer em livros.

Um outro aspecto a ser notado, nesse processo de adaptação da literatura de cordel a novos contextos/espacos e a novos leitores, é o direcionamento do texto para um público específico, no caso, a criança, registrado já na capa de alguns textos como, por exemplo, folhetos com *Historinhas de cordel para crianças* [19--], do poeta José Francisco Borges, e o livro *A guerra dos bichos* (2003), de Luiz Carlos Albuquerque:



Figura 6 – Capa de folheto Borges.
Fonte: Borges [19--].

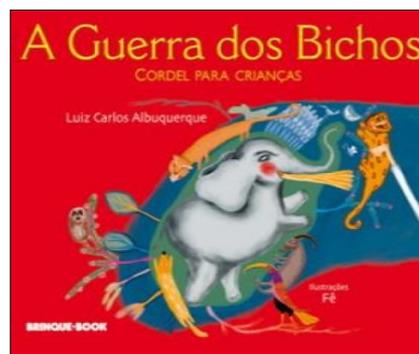


Figura 7 – Capa de Livro 4.
Fonte: Albuquerque, 2003.

Se, no princípio de tudo, durante a leitura coletiva dos folhetos, marcada pela recitação/contação, as crianças eram, muitas vezes, apenas ouvintes que estavam de passagem ou que, às escondidas, permaneciam escutando, atrás de alguma parede, a conversa dos adultos, hoje, elas recebem do poeta popular uma atenção diferenciada, como parte das mudanças adotadas pelo gênero, para atender não somente às exigências do mercado editorial, mas para conquistar, através da poesia que conta e encanta, um público leitor que está em formação dentro e fora das escolas.

A literatura de cordel na sala de aula: o mediador/contador

Ao registrarmos a presença dos folhetos de cordel entre as práticas de leitura do homem simples do sertão já no início do século passado, colocamos em evidência não somente a tradição de contar histórias como uma necessidade inerente ao ser humano, que pode encontrar em cada uma delas diferentes formas de identificação, mas também o registro de histórias que têm como ponto de partida a expressão e a criatividade de quem escreve, conta/reconta, assim como o prazer de contar e de ouvir contar em versos recitados. Nesse sentido, o cordel pode ser referido como uma poesia para crianças, que segue na direção da “reutilização do folclore e das formas mais tradicionais”, assumindo, pois, “uma função iniciatória aos processos poéticos, cuja simplicidade característica desse tipo de manifestação popular muito se adequa ao modo de apreensão do pequeno receptor” (PONDÉ, 1990, p. 127).

Essa prazerosa apreensão da poesia é facilmente observada, principalmente, entre as crianças, quando estão diante da conhecida figura do contador/recitador e de suas histórias, muitas vezes em versos, prontas para ganharem voz e vida, verdadeiro alimento à imaginação de atentos ouvintes, encanto de menino registrado pelo poeta, diante dessa figura tão comum, em outros tempos, nos alpendres do sertão:

Quando eu era pequenino
Nos alpendres do sertão
Que ouvia: “_ Era uma vez...”
Ficava de prontidão;
Já sabia que as estórias
Jorrava em profusão.

[...]
Mas de toda diversão
Do meu tempo de criança
O contador de estórias
Jamais me sai da lembrança
Essa figura encantada
Renova a minha esperança. (VIANA, 2008, s.p.).

Como é possível perceber nos versos do poeta, o chamado para a história tem muitas chaves, entre elas, o tradicional “Era uma vez...”, mas, em todas elas, apresenta-se um convite mágico que mexe com a imaginação de adultos e de crianças através dos séculos. Nesse momento, o autor desse convite tem nas mãos uma grande responsabilidade, a de guiar o leitor/ouvinte pelos caminhos da imaginação de forma que, ao final da narrativa, uma outra seja sempre bem-vinda, e outra, e outra, uma vez que o encanto proporcionado pelo ato de ouvir determinada história é capaz de provocar no ouvinte não somente o prazer de acompanhá-la, de recriá-la com suas próprias palavras, mas também o desejo de conhecer, de ampliar o seu repertório, sempre em busca de outras narrativas.

Essa poesia precisa de voz para ser ouvida, e essa voz pode ser emprestada ao poeta popular para a divulgação de seus versos por diferentes personagens, entre elas, destacamos aqui as figuras do contador de "estórias" e a do professor, pois, através deles, esses sons da infância ou da adolescência convidam o leitor a “penetrar surdamente” no encanto dos versos de cordel, buscando compreender, entre outros aspectos, os “mistérios” que fazem parte de sua elaboração e de sua recepção na escola e fora dela.

Ao direcionar o nosso olhar para a sala de aula, enquanto espaço essencial para a formação do leitor, no qual deve estar presente o gênero cordel, estamos colocando em destaque a figura do professor enquanto mediador que precisa estar ciente da importância de sua tarefa junto à criança e ao jovem em formação. Conforme Marinho e Pinheiro (2012, p. 11), “Abrir as portas da escola para o conhecimento e a experiência com a literatura de cordel, e a literatura popular como um todo, é uma conquista da maior importância. Porém, há que se pensar de que modo efetivá-la tendo em vista a formação de leitores.”

A esse profissional cabe a difícil tarefa de conduzir o aluno pelos caminhos da leitura de uma forma ampla e, para isso, a paixão pelo ato de ler é a condição inicial em qualquer docente que abrace o trabalho com o texto literário em sala de

aula. Não é possível vivenciar literatura sem o ato da conquista, e, para ser conquistado, é necessário que o aluno perceba o envolvimento desse mediador com o texto que está sendo apresentado, de tal forma que também ele queira conhecê-lo. Afinal, esse professor, para a criança, assemelha-se ao contador das histórias em família ou nas calçadas, ou, pelo menos, deveria. Lembremos também a importância que assume, no processo de formação da criança, o vínculo família e escola, de forma que uma seja a continuação da outra.

Outro aspecto relevante, com relação à mediação do texto literário nas escolas brasileiras, é a escolha do acervo a ser ofertado aos alunos, pois sabemos que ele é decidido a partir de diversos processos de seleção, em um cenário que considere a figura individual do professor mediador até a escolha coletiva por parte de instituições privadas e públicas. Quando nos referimos especificamente à seleção de obras da literatura de cordel, cabe mencionar que, por exemplo, através dos acervos do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), a rede pública de ensino foi contemplada pelo programa literário com a oferta de cerca de dez cordéis no suporte livro, direcionados ao Ensino Fundamental, entre os anos de 2008 e 2014. Assim, é possível observar uma semelhança entre as escolas públicas e privadas no que se refere ao predomínio da escolha pelo suporte livro. Cabe esclarecer ainda que, como parte desse acervo ofertado pelo PNBE, poucos textos abordam a temática dos bichos, tão atrativa ao universo da criança e que, entre as obras direcionadas ao Professor do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) pelo PNBE 2013, consta o livro *O cordel no cotidiano escolar*, escrito pelos professores Ana Cristina Marinho e Hélder Pinheiro, um texto que discute a mediação do gênero cordel em sala de aula a partir da apresentação de textos e de sugestões de atividades.

Ainda sobre a importância da presença da literatura de cordel em sala de aula, cabe destacar as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas na academia sobre essa temática. No acompanhamento de uma delas, desenvolvida com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, no interior do Nordeste, destacamos os seguintes pontos, entre as conclusões iniciais apresentadas pela pesquisadora que

desenvolve o estudo²:

a) Embora o cordel em livros ilustrados possa despertar interesse, de início, por ser mais chamativo, esse fato não nos permite subestimar o folheto, pois este, mesmo não tendo tanta riqueza visual, apresenta igual beleza em seu enredo, apresentando-se esteticamente atrativo por sua configuração poética, não sendo possível, assim, classificar qual o suporte mais adequado a ser apresentado às crianças, o importante é que o gênero cordel chegue aos leitores e possamos dar a eles a oportunidade de conhecer e se entusiasmar com a leitura dessas obras;

b) A temática dos bichos, na Literatura de Cordel, pode despertar o interesse e o prazer das crianças pela leitura literária, uma vez que a maioria delas demonstra interesse e curiosidade pelos animais e pelas histórias envolvendo os bichos assim como pela musicalidade dos versos;

c) É necessário, como mediadores, criarmos situações em que as crianças, enquanto leitores em formação, tenham a oportunidade de se apropriarem dos discursos literários, presentes nos cordéis e, conseqüentemente, possam despertar para a leitura, como também fazer inferências entre o lido e o vivido.

Para tanto, acreditamos que é de suma importância que esse professor / mediador seja um leitor/um conhecedor do gênero cordel, que ele observe em detalhes tanto o texto escolhido para a leitura em sala de aula quanto o público leitor que está a sua frente e que esteja consciente das mudanças ocorridas no processo ensino-aprendizagem no que se refere ao texto literário de modo geral, uma vez que o perfil que identifica o receptor desse tipo de texto modifica-se todos os dias e, com esse fato, surge a necessidade de mudanças/adequações metodológicas no desenvolvimento das atividades voltadas para o trabalho com a mediação de leitura e, conseqüentemente, com a formação de leitores literários em sala de aula.

Histórias de animais: das sextilhas à contação de histórias

A relação de nós brasileiros com a poesia não é apagada quando nasce um pequeno leitor, pois ele convive, desde a primeiríssima infância, com a poesia oral, por meio de parlendas, canções de ninar, brincos, quadras, trava-línguas. Esses

² A referida pesquisa está em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), desde o ano de 2021.

pequenos textos têm o poder de se fixar em nossa memória, principalmente pela musicalidade e pela sonoridade, bem como pela afetividade daquele que lê, conta, declama e brinca com a poesia.

No entanto, é necessário que a escola, em especial, transmita esse material da nossa cultura oral, da nossa herança cultural. Segundo Alves, Souza e Garcia (2011, p. 51), "A literatura de cordel tem sua origem relacionada ao hábito de contar histórias, por esse motivo há uma forte presença da oralidade em seus impressos." Na contemporaneidade, muitos cordelistas têm se utilizado das sextilhas em seus cordéis. Talvez, por ser mais fácil e curta, a sextilha seja o gênero preferido dos repentistas, principalmente no início de suas apresentações. Trata-se de uma estrofe com rimas deslocadas, constituída de seis linhas, ou seis versos de sete sílabas, que geralmente rimam linhas pares entre si, conservando as demais com versos brancos (sem rima obrigatória). Vejamos um exemplo:

Admiro 100 formigas
Um besouro carregando
60 escanchada em cima
40 em baixo empurrando
E aquelas que vão em cima
Pensam que vão ajudando. (PINHEIRO, 2004, p. 17).

A maneira como o poeta inicia a sextilha é recorrente em diversos autores, que revelam a relação de encantamento e admiração do poeta com a natureza.

Diante do exposto, elegemos algumas sextilhas sobre animais como possibilidade de levar a literatura de cordel para a sala de aula. Nosso objetivo é vincular a prática da leitura em voz alta com a brevidade da sextilha, bem como com modos de guiar o aluno na compreensão de um texto poético e motivá-los para uma leitura mais rotineira do cordel, seja dentro ou fora das salas de aula.

Vamos à prática?

Vários autores (SOUZA, 2019; GIROTTO; SOUZA, 2010; SOLÉ, 1998) tem estudado as definições de estratégias de leitura afirmando que se trata de procedimentos metodológicos dos quais os leitores se utilizam na ação de leitura que podem favorecer a compreensão daquilo que leem. Giroto e Souza (2010) elencam sete estratégias metacognitivas de compreensão leitora: conhecimento

prévio, inferência, visualização, conexão (texto-texto; texto-leitor; texto-mundo), perguntas ao texto, sumarização e síntese. Para este artigo, utilizaremos a estratégia da visualização.

A visualização é definida por Harvey e Goudvis (2008) como uma estratégia de compreensão de leitura na qual os alunos criam imagens em suas mentes enquanto leem uma história ou texto. A criação dessas imagens mentais ajuda o aluno a obter uma compreensão mais profunda da história ou do texto que visa à memória de longo prazo.

Nesse sentido, as poesias e sextilhas são adequadas, pois, por se tratar de textos em versos, carregados de significados e imagens, o aluno tem mais facilidade em elaborar uma figura mental da pequena história contada em linhas poéticas.

Para a sugestão de um trabalho com sextilhas sobre animais, selecionamos, do livro *Pássaros & Bichos - na voz de poetas populares* (2004), três sextilhas de pássaros e três de bichos. Tal escolha intencional deve fazer parte do planejamento docente. Vejamos:

Quadro 1 - Pássaros e insetos.

O pica-pau	O peru	Pirilampus
Admiro o pica-pau Numa madeira de angico Que passa o dia todim Taco-taco, tico-tico Não sente dor de cabeça Nem quebra a ponta do bico.	O peru fazia roda No terreiro da morada E o gatinho seu amigo Era muito camarada Montava-se no peru E o peru dava risada.	Centenas de pirilampus Que se espalham na [amplidão], Parecem bando de loucos Com lanterninhas na mão Iluminando os caminhos, Sem saber aonde vão.
Autor: Manuel Xudu	Autor: José Francisco Borges	Autor: Odilon Nunes de Sá

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Pinheiro (2004, p. 5, 22, 24).

Quadro 2 - Bichos.

Cavalo	A vaca	A girafa
Cavalo bom no sertão, É coisa muito comum, Cai o vaqueiro, ele fica Passando o dia em jejum, Suspende o corpo em três pés Fica descansando num.	A vaca que quer dar cria Se desgarrá do rebanho, Tem, às vezes, um bezerro Que é quase do seu tamanho, Depois do parto inda o lambe Por não poder dar-lhe banho.	A girafa não demora Quando escuta um alvoroço, Mas não pode entrar na mata Entrançada de pau grosso, Porque não dobra as canelas E nem enverga o pescoço.
Autor: Manuel Filó	Autor: Manuel Xudu	Autor: Manuel Filó

Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de Pinheiro (2004, p. 18, 20, 31).

Como dicas para um trabalho profícuo em sala de aula, sugerimos que os professores tenham, se possível, o livro em seu suporte original, para que os alunos conheçam todas as sextilhas, pois são mais de trinta e três poemas envolvendo

adivinhas, bichos, insetos e pássaros. O docente mostrará a capa, mas somente após o trabalho de discussão dos poemas com as estratégias de leitura, nesse caso, o da visualização, isso os motivará à leitura e acesso ao livro.

Para despertar a curiosidade e ativar o conhecimento prévio dos discentes, o professor, em uma primeira aula, ou nos primeiros minutos da aula (a depender se seu planejamento terá dias ou durará somente a aula de língua portuguesa), poderá fazer um cartaz em papel craft ou escrever na lousa. Aqui nos inspiramos em um jogo, muito conhecido por crianças e jovens brasileiros - *Stop*. Uma versão dessa brincadeira pode ser encontrada de maneira manufaturada - **Scattergories**. **Trata-se de um jogo de tabuleiro que exige o pensamento rápido, sendo que o jogador lança o dado e escolhe a letra, e o outro selecionará uma categoria. Os jogadores deverão escrever todas as palavras que comecem por essa letra e que tenham relação com a categoria. O tempo é marcado e começam a se escrever o máximo de palavras que veem na memória, na mesma perspectiva do STOP. Somam-se os pontos (palavras diferentes valem 20 pontos, e as iguais, 10 pontos) e ganha o jogo aquele que tiver o maior número de pontos.**

Nossa sugestão é que o professor escolha qual jogo for mais fácil de se utilizar e, se ele tiver condições de ter um tabuleiro, pode usá-lo. Ao desenhar o gráfico na lousa ou no papel craft, deve explicar a atividade, e todos jogam.

Como vai funcionar a atividade?

a) Antes da leitura

Stop e *Scattergories* são ótimos jogos para ajudar na visualização, e o professor pode facilmente criar sua própria versão, como já mencionado anteriormente. É rápido, barato, e o docente pode aumentar ou diminuir a dificuldade do jogo, dependendo de seus alunos. Veja como:

Desenhe uma grade/tabela no quadro branco, em um pedaço de papel ou na lousa. No caso das sextilhas, o professor pode escrever algumas categorias relacionadas aos bichos (ex: habitat, bichos, insetos, pássaros, comidas, etc.) em um lado da grade. Na parte superior, ele vai escrever as letras do alfabeto. Não precisa ser o alfabeto inteiro, priorizando-se, inicialmente, as letras dos animais selecionados. O objetivo é tentar pensar em uma palavra para cada letra e

categoria.

Há algumas maneiras para simplificar o jogo, sendo que o docente pode pedir ao aluno que pense no máximo de palavras que se encaixam na categoria, sem se preocupar com a letra inicial. No entanto, ele também pode dificultar, dando ao discente menos opções de letras.

Com o jogo brincado, os alunos terão oportunidade de fazer inferências entre os animais (que eles ainda não sabem que são temas das sextilhas, inclusive alguns menos populares podem não comparecer na brincadeira), levantarão seus conhecimentos prévios, ampliando-os através da escuta dos animais selecionados pelos colegas, e o professor pode finalizar a atividade anunciando: "Alguns animais que vocês trouxeram serão tema da nossa leitura de hoje!" ou "Na atividade de manhã conheceremos pequenas histórias de alguns bichos que começam com essas letras, será que vocês se lembraram de todos?"

b) Durante a leitura

A sugestão que damos para esse momento é que os alunos, de modo coletivo, escrevam as sextilhas em cartões ou em folhas de sulfite. A leitura inicial pode ser planejada inicialmente, para que cada discente leia sozinho os poemas. Em um novo cartão ou folha, os alunos vão ser estimulados a desenharem o animal da maneira como os conhecem ou imaginam. O professor deverá dividir equilibradamente cada bicho, para que não tenha mais ilustrações de girafas do que de pirilampos.

O docente ainda explicará que, ao lerem os poemas, seus alunos devem ir criando imagens mentais para a leitura, pois se trata de visualização, que, em estudos e pesquisas (GIROTTI; SOUZA, 2010; BALSAN, 2018), tem-se mostrado uma ótima maneira para ajudar os alunos a desenvolverem suas habilidades de leitura e compreensão textual. Esta atividade de desenho é ótima para que os discentes possam rabiscar por horas e, na sequência, os desenhos vão se ampliando. Para tanto, o professor pode, ainda a partir dos conteúdos das sextilhas, adicionar detalhes descritivos que auxiliarão os alunos a praticarem visualizações mais complexas. Por exemplo, ele pode dizer: "Estou pensando em uma vaca bastante obesa, pois ela está prenhe, ela também é larga, pois carrega dentro dela o bezerro". Em seguida, peça-lhes que imaginem e digam: "Desenhe o que está em sua mente". O docente pode também sugerir que, na leitura das sextilhas, os alunos

façam pausas e esboços de seus desenhos, isso permitirá que o professor avalie a leitura dos alunos e os processos de atribuição de sentidos.

c) Depois da leitura

A dica que damos para a atividade após a leitura inicia-se com a releitura das sextilhas por parte do professor. Esse momento é importante para que os alunos acompanhem, em seus cartões, o texto e tenham, ao lado, a outra ficha com a ilustração/visualização.

Para cada sextilha/animal lido, o docente pode ir estabelecendo relação com os alunos, que mostrarão seus desenhos e descreverão as cenas pensadas. Por exemplo, para o grupo de alunos que leu *O peru*, como o gato foi imaginado? O peru é uma ave grande, que, assim como o pavão, abre suas penas em uma espécie de cauda, será que isso foi pensado pelos discentes? E esse fato interferiu na maneira como o gato foi “acoplado em suas costas”? Como?

É importante ressaltar ao professor que estas questões devem ser por ele elaboradas antes da atividade, pois, assim, a exploração das sextilhas e todas as pequenas histórias descritas nos versos poderão ser compreendidas a partir não só da visualização, mas também da ampliação dos conhecimentos anteriores dos alunos.

Nós acreditamos que os registros devam ser feitos não somente em materiais avulsos como os cartões, mas também nos cadernos, pois os discentes poderão sempre retomar um vocábulo, uma definição, uma curiosidade. Mas também pode ser muito significativa a exposição das visualizações em varais ou na parede da sala de aula, o que possibilitará a síntese, tão importante quando falamos em estratégias de compreensão leitora. E, para o professor, olhar o todo ainda lhe dará oportunidade de avaliar um trabalho com a literatura de cordel, a partir das sextilhas e o entendimento dos aspectos estéticos desse tipo de texto.

Considerações finais - Histórias que não terminam...

Por fim, cabe-nos lembrar que o mesmo encanto que seduziu os leitores dos séculos anteriores pode também conquistar um outro público diferente daquele que acompanhava a leitura coletiva do cordel nas feiras e nas varandas, em finais de tarde, nos anos iniciais do século XX. Sugerimos aqui que esse público seja

descoberto/assumido nas salas de aula de cada escola brasileira do século XXI, esperando pelo encanto e pelo prazer que o texto literário pode proporcionar, desde que seja devidamente apresentado/mediado pelo contador de histórias ou pelo professor.

O leitor em formação, além de encantar-se com a magia da poesia contida nos versos populares, pode ser orientado a reconhecer, nos folhetos ou livros de cordel, a presença do envolvimento proporcionado pela leitura do texto poético, principalmente no que se refere àqueles que cantam/contam e recontam sobre os animais e o tempo imemoriável em que eles falavam. Independente dos rótulos atribuídos pela crítica a determinado texto, considerando-o “culto” ou “popular”, “adulto” ou “infantil”, sugerindo classificações que atribuiriam uma suposta “qualidade” a determinado texto, essa literatura pode ser apresentada a esses leitores como atividade de leitura a ser realizada dentro e fora da sala de aula, de forma coletiva, junto aos professores ou ao grupo familiar, como parte de uma possível integração de gerações de leitores.

É bem certo que os folhetos escritos no início do século XX não foram elaborados tendo como objetivo a leitura do público infantil, mas, assim como ocorreu com as fábulas e os contos de fadas tradicionais, que, no ato de sua criação, não eram dirigidos a crianças, essas narrativas poéticas foram, ao longo dos anos, acolhidas também por esse público leitor.

Ao falar sobre esse aspecto da literatura de tradição oral, Colomer afirma que “Foi, precisamente, seu extravasamento para uma nova audiência, a constituída agora pela infância, que lhe permitiu manter sua presença no imaginário coletivo das sociedades contemporâneas.” (2007, p. 55) Acreditamos, então, que esse mesmo caminho foi trilhado pela literatura de cordel, que chega ao século XXI adequando-se a um novo mercado editorial e a novos e diversificados leitores, cantando, contando e recontando um repertório infinito de histórias sobre várias temáticas do povo, e, entre elas, está o ciclo dedicado às histórias sobre um mundo e um tempo encantado dos animais que agiam e falavam como os homens.

Quando anoitece

No sertão quando anoitece
Pia a coruja agoureira
O xexéu canta aninhado
Na copa da bananeira,

Geme o juriti viúvo
Só chamando a companheira. (José Alves Sobrinho, 1959, s.p.)

Assim, o sertão fica menor, em um Brasil que cabe dentro da sala de aula. Cremos, então, que pensar o ato de mediação dessa literatura na escola, tomando como texto base folhetos ou livros de cordel, instiga a necessidade constante de elaboração de sugestões partindo de propostas voltadas para o trabalho com a leitura do texto poético entre alunos como uma ideia sempre bem-vinda para aqueles que têm a árdua missão de formar leitores em nosso país. Que estas não sejam entendidas como receitas prontas, vinculadas a um pragmatismo ainda muito presente em nossas escolas, tanto no ato da escolha de um repertório a ser lido quanto no desenvolvimento das atividades de leitura. Essas propostas devem ser entendidas sempre como sugestões a serem pensadas, planejadas, adaptadas às diferentes realidades que encontramos em nossas instituições escolares, de forma que a aproximação entre a poesia de cordel e a sala de aula seja pautada principalmente na apreciação artística, na ludicidade, no prazer de ler em versos histórias que não terminam...

Recebido em 30 de janeiro de 2023.

Aprovado para publicação em 13 de abril de 2023.

Referências

- ABREU, M. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- ALBUQUERQUE, L. C. **A guerra dos bichos**. 2. ed. São Paulo: Brinque-Book, 2003.
- ALVES, J. H. P. Cordel para crianças: aspectos temáticos e metodológicos ou um sabiá em sala de aula. *In*: DEBUS, E.; BAZZO, J. L. S.; BORTOLOTTI, N. (orgs.). **Poesia (cabe) na escola**: por uma educação poética. Campina Grande – PB: EDUFPG, 2018.
- ALVES, J. H. P.; SOUZA, R. J., GARCIA, Y. M. R. Lendo e brincando com sextilhas e outros versos. *In*: SOUZA, R. J.; FEBA, B. L. T. **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.
- BALSAN, S. F. S. **Nas veredas da leitura**: ações para formação de leitores autônomos. 2018, 259 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia de

Presidente Prudente, Universidade Estadual Paulista, 2018.

BORGES, J. F. **No tempo que os bichos falavam**. Olinda: Casa das crianças de Olinda / Instituto Nacional do Folclore, 1983.

BORGES, J. F. **O rato magro e o rato gordo**. [19--]. (Historinhas de cordel para crianças).

BRADESCO-GOUDEMAND, Y. **O ciclo dos animais na literatura popular no Nordeste**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.

CHICUTE, S. **Cordel dos passarinhos**. Capistrano – CE: Gráfica Martins, 2006.

DIÉGUES JÚNIOR, M. **Ciclos temáticos na Literatura de cordel**. Maceió: Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2012.

COLOMER, T. **A Formação do Leitor Literário**. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

EZEQUIEL, H. **Eleição no reino da bicharada**. Currais Novos: Folheteria de cordel, 2014.

GIROTTTO, C. G. G. S.; SOUZA, R. J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. *In: SOUZA, R. J. et al. (org.). Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado de Letras, 2010, p. 45-114.

HARVEY, S.; GOUDVIS, A. **Strategies that work: teaching comprehension to enhance understanding**. Portland: Stenhouse Publishers & Pembroke Publishers, 2008.

LIMA, J. F. G. Literatura de cordel: dos folhetos tradicionais aos modernos livros de capa dura. *In: LIMA, S. T. et al. (orgs.). No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel*. UNIFAP, Macapá, 2021.

LINDEN, S. V. **Para ler o livro ilustrado**. Trad. Dorothee de Bruchard. São Paulo: SESI – SP, 2018.

MACHADO, F. **Saci e o bicho folharaz no reino da bicharada**. São Paulo: Editora Luzeiro, 2011.

MARINHO, A. C.; PINHEIRO, H. **O Cordel no Cotidiano Escolar**. São Paulo: Cortez, 2012.

PACHECO, J. **A intriga do cachorro com o gato**. Juazeiro do Norte: Editora de José Bernardo da Silva, 1979.

PINHEIRO, H. **Pássaros e bichos - na voz de poetas populares**. Campina Grande: Bagagem, 2004.

PINHEIRO, J. H. A.; SOARES M. (orgs.) **Outros pássaros e bichos na voz dos poetas populares**. Campina Grande: Editora Bagagem, 2004.

PONDÉ, G. M. F. Poesia e Folclore para criança. *In*: ZILBERMAM, R. (org.). **A produção cultural para a criança**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

SOBRINHO, J. **O casamento do calangro com a lagartixa**. São Paulo: Prelúdio, 1959.

SOBRINHO, J. **No tempo que os bichos falavam**. São Paulo: Prelúdio, 1959.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, A. P. **Festa da bicharada**. São Paulo: Editora Luzeiro, 1950.

SOUZA, R. J. **Ler e ensinar: estratégias de leitura**. Presidente Prudente, SP: Educação Literária, 2019.

VIANA, A. **O bicho folharal**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2008.

VIANA, A. **O coelho e o Jabuti**. São Paulo: Globo, 2011.

Sobre a autoria

¹Livre docente em Conteúdos e Metodologia de Língua Portuguesa (2012) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. E-mail: renata.lit.junqueira@gmail.com.

²Pós-doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: naelzanobrega@gmail.com.